

2001: A SPACE ODYSSEY / 1968

(2001: Odisseia no Espaço)

um filme de Stanley Kubrick

Realização: Stanley Kubrick / **Argumento:** Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke / **Direcção de Fotografia:** Geoffrey Unsworth / **Efeitos Especiais:** Douglas Trumbull e Wally Weevers / **Design de Produção:** Ernest Archer, Harry Lange e Tony Masters / **Direcção Artística:** John Hoesli / **Música:** "Gayaneh" de Aram Khatchaturian, "Atmosfera", "Lux Aeterna" e "Requiem" de Gyorgy Ligeti, "Danúbio Azul" de Johann Strauss, "Assim falava Zaratustra" de Richard Strauss / **Som:** H.L. Byrd e Winston Ryder / **Montagem:** Ray Lovejoy / **Interpretação:** Keir Dullea (David Bowman), Gary Lockwood (Frank), William Sylvester (Dr. Floyd), Douglas Rain (voz de HAL 9000), Leonard Rossiter (Dr. Smyslov), Margaret Tyzack (Elena), Daniel Richter, etc.

Produção: MGM / **Produtor:** Stanley Kubrick / **Cópia:** DCP, cor, falado em inglês com legendas em português, 150 minutos / **Estreia Mundial:** 3 de Abril de 1968 em Nova Iorque / **Estreia em Portugal:** Monumental, a 1 de Outubro de 1968.

AVISO: Sensivelmente a meio do filme, surge uma indicação de "Intermission", ficando o ecran, durante alguns segundos, a negro e com música de acompanhamento. Corresponde à indicação do momento de intervalo nas cópias originais, que foi mantida nesta cópia digital que vamos exhibir. Mas não faremos, nesta sessão, nenhum intervalo.

Eis um dos pontos mais altos – para muitos, o cume absoluto – da obra de Stanley Kubrick, um dos seus títulos mais lendários, e seguramente aquele que maior impacte alcançou no imaginário da cultura ocidental das últimas décadas do século XX. O fascínio por **2001**, que permanece tão (ou mais) vivo junto dos espectadores de hoje como dos espectadores de há 50 anos, para lá do deslumbramento causado pelo que ele tem de mais intrínseco – a sua construção visual, a sua estrutura narrativa, a sua utilização dos sons e da música – teve e tem parte substancial das suas razões no enorme enigma contido pelo filme. As perguntas depois de um visionamento de **2001** continuam a não ter resposta (o que "significa" o monólito?), mas é essa ausência de respostas cabais, como se o filme resistisse a todas as tentativas de descodificação, que faz com que a sua força se mantenha intacta – num certo sentido, **2001** tornou-se no monólito negro nele figurado: alguma coisa que nos acompanha, com que nos cruzamos periodicamente, de que nos podemos aproximar e até tocar, mas cuja compreensão, cujo sentido último, permanece numa órbita inalcançável.

Por todas estas razões, **2001** é também o mais discutido, analisado, especulado, filme de toda a história do cinema. Torna-se difícil, no espaço e no tempo de uma "folha", pensar em qualquer coisa que não tenha ainda sido (melhor) dita. Para uma das melhores análises

alguma vez escritas sobre o filme de Kubrick, remetemos os espectadores para o Catálogo da retrospectiva Kubrick organizada pela Cinemateca em 2003, e para as magníficas páginas que nele Enrico Ghezzi (autor da monografia que traduzimos para o Catálogo) lhe dedica. E para este texto, limitemo-nos, com a boleia de Ghezzi ou sem ela, a alguns apontamentos.

Numa dada passagem do seu livro (que salvo erro não é a passagem especificamente votada a **2001**), Ghezzi faz notar que não é totalmente descabido o exercício de comparar o último plano de um filme de Kubrick com o primeiro plano do filme seguinte, pressentindo a ideia de que haveria, da parte de Kubrick, uma espécie de “premonição a posteriori” em que cada filme voltaria “atrás” para pegar no ponto em que o filme anterior ficara. Aplicado a **2001**, o exercício, se até pode ser gratuito, é pelo menos intrigante: **Dr. Strangelove** acabara com um cogumelo nuclear a arrasar a humanidade, **2001** começa (depois do intróito planetário) com... a alvorada da humanidade, ou seja, bandos de homens-macacos; e se **2001** acaba com o grande plano do bebé-embrião, o seu filme seguinte, **A Clockwork Orange**, começa com o grande plano (no fundo, tão parecido) do rosto de Malcolm McDowell, o vândalo de um futuro indefinido. Os “raccords”, deliberados ou não, significantes ou não, são, de facto, relativamente evidentes. Sem querermos forçar a nota especulativa, esses “raccords” de fim e de princípio de **2001** fazem-nos pensar num terceiro “raccord”, esse celeberrimo “raccord” que se tornou quase a imagem de marca, o “poster”, do filme de Kubrick: o osso que o macaco atira ao céu e se transforma, por artes cinematográficas, na nave espacial que vai dançar a valsa. Aparentemente, esse é o mais megalómano “raccord” da história do cinema, um “flash forward” em que, entre dois planos, se engolem (apetece dizer, se inspiram) milhões de anos da história da humanidade. Mas, visto que as questões do “fim” e do “princípio” parecem ser fundamentais em **2001** – o final, seja lá o que for que represente, é uma associação dos dois termos, com o astronauta envelhecido e o embrião – não custa fazer a pergunta ao contrário: e se o tal “raccord”, em vez de ser um “flash forward”, fosse um “flash back”? E se o macaco, ao descobrir o osso (ou o uso de objectos) como arma de destruição, estivesse apenas a lembrar (vide **Dr. Strangelove**) o início da rota auto-destrutiva da humanidade, o momento em que um novo princípio começa a desembocar num mesmo fim?

Seria, pelo menos, uma hipótese bem de acordo com o pessimismo kubrickiano, e que é pelo menos mais uma maneira de baralhar as pistas deste inesgotável **2001**. Em qualquer caso, as ideias de “fim” e de “princípio”, e o modo como tendem a confundir-se (toda a parte final, a famosa “trip” do astronauta Bowman, representa obviamente uma “passagem”), parecem constituir um dos possíveis núcleos do filme de Kubrick – reforçadas até pela presença do monólito, que independentemente dos estatutos ontológico e simbólico que lhe queiramos atribuir, é algo que aparece como existindo quer antes do princípio quer depois do fim: entidade imutável que, reduzida à sua mais simples expressão, actua como simples lembrança de que tudo o que é da ordem do humano é mutável e vive numa constante passagem. Provavelmente, a única vez em que foi encontrada uma imagem (e uma forma) para a ideia de “eternidade”.

Luís Miguel Oliveira